



GT 64. Olhares Antropológicos sobre Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional

Coordenador(es):

Renata Menasche (PPGAnt/UFPel e PGDR/UFRGS)

Janine Helfst Leicht Collaço (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Necessidade de primeira ordem, o ato de comer é também fato econômico, social e cultural. Assim, ainda que inserida em rotina e aparente monotonia, a ingestão de alimentos não é ação neutra, revestindo-se de sentidos e valores, que se concretizam em escolhas e práticas alimentares. Comer é, também, ato político. Em 2014, após uma década em que o combate à fome orientara a agenda de políticas públicas, o Brasil deixou de constar do Mapa da Fome, quadro que, desde 2016, com a redução dos gastos sociais do governo, vem retrocedendo. Segundo a legislação brasileira, a Segurança Alimentar e Nutricional “consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis”. É nesse quadro que este Grupo de Trabalho pretende provocar a reflexão, estimulando, a partir da Antropologia, a problematização de noções que constituem o marco conceitual do debate em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional, acolhendo especialmente estudos etnográficos que abordem questões atinentes a classificações da alimentação e outras que possam iluminar, a partir de perspectivas de distintos grupos, critérios que falam de gênero, qualidade da comida, de fome, de obesidade, de saudabilidade, de sustentabilidade etc.

Animais não humanos, práticas sociais e alimentares.

Autoria: Rafaella Sualdini (UFPB - Universidade Federal da Paraíba)

Neste work buscarei abordar dois campos interligados, primeiro, visando constituir uma pesquisa através da reflexão sobre as práticas alimentares existentes dentro da aldeia Três Rios, território dos indígenas Potiguara, localizado no município de Marcação no litoral norte da Paraíba. No segundo ponto busco analisar como as produções desses alimentos estão ligadas com as questões que envolve a discussão de gênero, principalmente a colheita os cuidados com os animais não humanos, que posteriormente poderão ser consumidos no âmbito familiar ou vendidos em feiras livres. O work surge com a necessidade de problematizar as práticas alimentares atuais que envolvem o alto consumo de alimentos industrializados e o consumo de carne (principalmente dentro das cidades), comecei a me questionar qual a importância da participação da mulher em áreas rurais para a produção de alimentos orgânicos, gerando uma alimentação saudável no âmbito familiar, ou até mesmo aumentando a renda financeira por meio da venda desses produtos e como essa relação também pode ser uma forma de estabelecer laços com outras mulheres na comunidade, através de trocas e produção de alimentos derivados, como a farinha de mandioca. Começo a partir de estudos ecofeministas que discutem a importância da mulher dentro da agricultura familiar em defesa do meio ambiente, usando como base as autoras Rosendo (2012) e Adams (2018) que discutem a importância da relação da mulher com a terra e com animais não humanos, relacionando com o corpo e a opressão que as mulheres sofrem. A aldeia Três Rios é reconhecida pela extensa área de plantio, isso ocorre pela demanda de garantir os direitos para a demarcação de terras, muitas vezes os alimentos plantados pelas agricultoras são ofertados para a venda nas feiras livres em Marcação, Rio Tinto, Mamanguape e Baía da Traição, além da agricultura e possível trabalhar com o manguezal ou em alto mar, possibilitando que as pessoas que moram na região também possam complementar suas rendas através da pesca de crustáceos,



peixes e em algumas situações, as famílias também complementam a renda familiar com a criação de animais não humanos. O cotidiano dos moradores gira em torno de cuidar do espaço de work, as famílias que optam pela agricultura familiar é exercida uma dinâmica diferente para a execução das tarefas, geralmente com menos horas de serviço, onde a maioria dos alimentos serve para o próprio consumo do núcleo familiar ou para gerar trocas entre a vizinhança, é possível perceber que a produção desses alimentos não são feitas em grande quantidade, ou seja, quando é possível extrair renda do plantio ela aparece como uma renda complementar, o roçado tem uma variedade de produtos e a área de extensão de terra para o plantio geralmente é pequena.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: